

Para entender as mídias

Beatriz Marocco

O “estudo científico do processo de comunicação”, disse H. Lasswell, em um texto que há mais de 50 anos foi tomado de empréstimo tanto pelas práticas jornalísticas como pelas teorias subseqüentes, surge das respostas às seguintes perguntas: ¿Quién dice qué en qué canal a quién y con qué efecto?

Os repórteres encontraram nessa a melhor fórmula para dar novos sentidos ao acontecimento no espaço do lead. Os eruditos viram ecoar em seu bojo os diferentes subcampos da comunicação:

“Los eruditos que estudian el ‘quién’, el comunicador, contemplan los factores que inician y guían el acto de la comunicación. Llamamos a esta subdivisión del campo de investigación análisis de control. Los especialistas que enfocan el ‘dice qué’ hacen análisis de contenido. Aquellos que contemplan principalmente la radio, la prensa, las películas y otros canales de comunicación, están haciendo análisis de medios. Cuando la preocupación primordial se encuentra en las personas a las que llegan los me-

dios, hablamos de análisis de audiencia. Y si lo que interesa es el impacto sobre las audiencias, el problema es el del análisis de los efectos.” (Lasswell, em Moragas Spá, Miquel, Sociología de la comunicación de masas, tomo II, Gustavo Gilli, Barcelona, 1985)

Fragmentos de um tecido, do argentino Eliseo Verón, expõe uma trajetória intelectual que anunciou o fim do prazo de validade dessa arquitetura clássica, levantada na época em que a imprensa reinava soberana na sociedade.

“Aqueles que se interessam pelas mídias em nossas sociedades, ditas industriais avançadas, disse Verón, têm a oportunidade de poder trabalhar, por assim dizer, ‘em tempo real’ sobre a circulação dos discursos. Digamos desde logo: não se trata de ‘estudar a recepção’; é a articulação entre produção e recepção dos discursos a questão fundamental. Compreender essa articulação constitui hoje, parece-me, o desafio principal tanto no plano da teoria como no da pesquisa.” (p.274)

Quando Lasswell lançou as perguntas que se tornaram axioma para as práticas jornalísticas, o seu modo de pautar a função e o funcionamento das mídias dava conta de uma certa sociedade, de uma certa função das mídias e da divisão da produção de conhecimento na esfera da imprensa escrita de massa. A passagem das sociedades midiáticas para as “midiatizadas” trouxe consigo a autonomização das mídias e, consequentemente, estudá-las em seu funcionamento, segundo Verón, requer tratá-las de um outro modo. Por quê? No plano de uma sociedade global, argumenta Verón, em um texto escrito no final do século passado e que ainda conserva extrema lucidez, as instituições políticas são cada vez mais desapossadas de sua função pelas mídias. A palavra política já não tem grande coisa a dizer sobre as relações com a família, o dinheiro, a sexualidade, a empresa...

“Ora, diz Verón, é por intermédio desse trabalho que os contratos das mídias com seus ‘consumidores’ se fazem e se desfazem hoje: esses são os desafios da recepção.” (p.280)

Já no plano da linguagem, depois da obra de Chomsky, da semiologia e da semiótica o objeto “língua” e sua teoria, a gramática, ficou definitivamente nas boas mãos dos lingüistas; no campo da discursividade (social por definição), a comunicação encontraria, então, seus direitos, “livre do funcionalismo” (p.76-85).

Neste cenário, existe uma chave-mestra da relação entre mídias e recepção e essa é a noção de “contrato de leitura”, que enfatiza as condições de construção do vínculo que une no tempo uma mídia e os seus consumidores. Esse contrato é, sobretudo

“Neste cenário, existe uma chave-mestra da relação entre mídias e recepção e essa é a noção de contrato de leitura, que enfatiza as condições de construção do vínculo que une no tempo uma mídia e os seus consumidores.”

um “contrato enunciativo” na medida que se cumpre não no plano do conteúdo, mas no plano das modalidades do dizer. Na prática o instrumento contratual pode demonstrar, segundo o autor, que “a escolha entre TF1, A2 e La Cinq [canais da televisão francesa] se fará, pois, não em relação aos conteúdos apresentados (isto é, relativos essencialmente às notícias tratadas), mas em função das estratégias de contato com o espectador” (p.276).

Verón oferece uma base teórica e empírica aos estudos que pretendam seguir na mesma direção: a noção de “contrato”, os seus desdobramentos e as rupturas que acompanham o processo de autonomização das mídias estão descritos no texto *As mídias na recepção*: os desafios da complexidade (p.273-284). Este e mais dez textos foram publicados originalmente em francês, entre 1971 e 1994. Reunidos em forma de livro, os fragmentos dão textura a uma rede que foi sendo montada ao longo desses 23 anos, que expõe tanto os desvios que o autor traçou para dar conta dos “desafios da complexidade”, de que falamos linhas acima, como os trabalhos precursores que, nos anos 1970, o conduziam por experiências com processos de recepção, mas no nível microscópico das relações interpessoais, nos contextos de vida de pacientes neuróticos. A análise das entrevistas com pacientes neuróticos abriu quatro espaços conceituais diferentes, descritos no texto *O duplo vínculo* como situação patogênica universal (p.19-35), que mais tarde se revelariam em territórios midiáticos e em outros corpos, no bojo dos mesmos problemas de produção e reconhecimento. “Naquele momento, reconhece o autor na introdução de *Fragmentos...* eu não tinha sequer a

consciência da complexidade do problema”, que se revelaria na complexidade de sua própria trajetória de pesquisador.

Já o texto *Dicionário das idéias* não feitas (p.49-75) é uma interessante retomada das lacunas conceituais de uma obra pouco disponível em português. Nesta espécie de “léxico” o analista de discursos encontrará um conjunto de noções e procedimentos com que poderá dar algum apoio ao seu deslocamento de um horizonte funcionalista. Para explorar os fenômenos de sentido, no âmbito de uma teoria da produção social do sentido, o analista de discursos terá à sua disposição uma “caixa de ferramentas” constituída de três grupos de “verbetes” que marcam os limites de um modo de análise dos discursos que considera o sistema produtivo, a problemática sociológica e a abordagem lingüística, além de uma metodologia de análise dos discursos.

Nos momentos dedicados à prática de análise dos discursos, Verón monta diferentes arquivos de revistas, dedicando-se mais concretamente em *O espaço da suspeita* (p.159-212) ao estudo dos títulos e das relações dialógicas entre esses e as imagens de capa. Ao longo do texto, o autor divide com o leitor partes da estrutura que deu sustentação à investigação, das hipóteses de trabalho às operações e procedimentos metodológicos, que, ao fim e ao cabo, poderão ser tão enriquecedores quanto os resultados para o iniciante que

deseja compartilhar esse universo e a possibilidade de refletir sobre as estratégias políticas e midiáticas de construção de “personalidades públicas”.

Os estudiosos dos dispositivos midiáticos certamente apontarão uma ausência: *Il est là, je le vois, il me parle*, publicado em 1983 pela revista francesa *Communications* e largamente citado. No texto, Verón descreve o “dispositivo de enunciação” televisivo e uma característica que se reflete no próprio título do artigo: o “ele” (il) designa o apresentador de telejornais franceses analisados. Ao dar materialidade à máquina televisiva, “ele”(il) se colocaria (e a colocaria) a serviço da comunicação interpessoal criando uma conexão com cada espectador. Mais do que se interpor entre as pessoas, a televisão, portanto, criaria entre elas um modo de contato cúmplice e intenso.

Com a ressalva desta ausência, o que está em *Fragmentos...* certamente justifica a leitura.

Beatriz Marocco

A autora é professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Bibliografia

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, 286 p.